

## REFLEXÕES SOBRE PSICOLOGIA COMUNITÁRIA

CEZAR WAGNER DE LIMA GÓIS \*

### RESUMO

O artigo procura delimitar uma linha histórica e conceitual da Psicologia Comunitária a partir do confronto entre duas correntes da Psicologia Social na América Latina. Enfatiza os aspectos sócio-históricos e ideológicos como essenciais e ponto de partida na construção do psiquismo.

Apóia-se na Psicologia Marxista, especificamente na Teoria da Atividade de Leontiev, para elaborar a Psicologia Comunitária como ciência e como aplicação, numa tentativa de especificar objeto, método e finalidades. Procura distingui-la de outras elaborações, denominando a essas de Psicologia na Comunidade, Clínica Social ou Tecnologia Social.

## CONSIDERATIONS ABOUT COMUNITARY PSYCHOLOGY

### ABSTRACT

This article intends to delimitate the historical and conceptual field of community psychology, confronting the two main tendencies in Social Psychology in Latin America. It emphasizes the importance of social, historical and ideological issues at the early stages of the development of the psychic.

Using the basic notions from the marxist theory and focusing mainly on Leontiev's activity theory, the author discusses community psychology from its theoretical and practical approaches in order to specify its subject, methods and goals. It tries to differentiate this area of study from what is called "Psychology in Community", "Social Clinic" or "Social Technology".

---

\* Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

## 1. INTRODUÇÃO

1990. Onze anos de uma Psicologia Social que se propôs romper com a herança e a continuidade colonial, leito tradicional por onde prossegue boa parte dos Psicólogos e da própria Psicologia na América Latina. Em 1979, durante o Congresso da Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP) realizado em Lima (Peru), um grupo de Psicólogos Sociais propôs uma séria revisão da Psicologia em seus elementos básicos: De que homem falamos? De que sociedade falamos? Que Psicologia Fazemos? (Lane, 1987).

O confronto estabelecido pode ser considerado um marco na Psicologia latino-americana, principalmente em Psicologia Social. Quero deixar aqui o reconhecimento pela atitude científica e política desses companheiros contra o arcabouço idealista e positivista da Psicologia na América Latina.

Nesses dez anos a Psicologia Comunitária avançou, progressivamente, ocupou espaços que lhe restituíram sua verdadeira base — a Psicologia Social, bem como possibilitou distingui-la, não tão claramente, da Clínica Social e da Psicologia na Comunidade (prestação de serviços). Desenvolve-se no interior da Psicologia Social e responde a uma necessidade social. Por outro lado, esse avanço produziu uma diversidade de dados e informações, além de algumas categorizações parciais, pouco contribuindo para sua maior objetivação, penso que por dois motivos: a própria imprecisão do objeto da Psicologia (SÈVE, 1979) e a enorme influência que o modelo médico e o modelo técnico-assistencialista exercem sobre uma boa parte dos Psicólogos que procuram atuar na área.

O Psicólogo ao se debruçar sobre seu objeto de estudo revela incerteza quanto a realmente poder descrevê-lo com nitidez e especificidade. Lidamos com uma multiplicidade de dados, informações, conceitos etc, relativos à Psicologia, assim como nos aproximamos ora da Filosofia, ora da Educação, ora da Sociologia, ora do Serviço Social, ora da Psiquiatria, e mesmo da Política.

Essa aparente confusão não é conseqüência de erro ou de "ideologização... Imaginar a objetivação da Psicologia pela fragmentação do indivíduo em categorias parciais que passam a explicá-lo na totalidade ou pela sua descontextualização e negação de sua multiplicidade, pouco ajuda na compreensão do sujeito concreto, histórico e social.

O nosso objeto é o psiquismo, mas como especificá-lo? Como delimitá-lo, se o cérebro é o seu órgão e o mundo que lhe rodeia a sua fonte? (Rubinstein, 1979). A intersecção (ou interpenetração) da Psicologia com as outras disciplinas sociais e biológicas é uma exigência do objeto de estudo e da nossa própria interação com esse objeto.

Ao problematizar a Psicologia como uma ciência em busca de maturidade não significa situá-la sem rumo, mas apenas evidenciar algumas controvérsias que se arrastam ao longo da sua existência.

Além do mais, sabemos das controvérsias acerca do que seja Psicologia Comunitária e não temos a intensão de resolvê-las.

Nossa preocupação com a especificidade da Psicologia Comunitária, seu objeto, método e papel, enquanto ciência e aplicação, vem da prática que ao lon-

go dos anos exercitamos em conjunto com outras disciplinas no meio popular, rural e urbano.

Trabalhando com sociólogos, educadores, economistas, assistentes sociais, militantes políticos, psicólogos clínicos e sociais, deparamo-nos com a nossa própria confusão e angústia por não ter clareza da distinção entre nós e os outros profissionais. Não havia a preocupação de negar o trabalho interdisciplinar, mas necessidade de compreender-se na interdisciplinaridade.

Por outro lado, mesmo com a pouca clareza de nossa disciplina, víamos no trabalho de outros profissionais sérias limitações quando penetravam nas questões da subjetividade, da parte ideal do psiquismo, dos modos de vida refletido na mente dos indivíduos como imagem ativa das relações sociais e comunitárias. O entrelaçamento subjetivo (processo do reflexo psíquico) da realidade objetiva da comunidade não era, na maioria das vezes, compreendido ou considerado no trabalho comunitário, a não ser de forma dualista e descontextualizada, que pouco atendia.

Ao longo do tempo o problema da subjetividade foi tomando outro rumo, numa base materialista dialética e histórica, e só assim tornou-se mais compreensível para nós como sendo o espaço por onde a Psicologia Comunitária poderia ser construída, distanciada do ambientalismo e do "mentalismo" em Psicologia.

## 2. O QUE É PSICOLOGIA COMUNITÁRIA?

Com essa preocupação e dentro das controvérsias acerca da Psicologia Comunitária, um pouco de história nos levará a constatar que, até a década de 60, a Psicologia e a própria Psicologia Social deslocavam-se do estudo individual ao grupal, sem considerar a estrutura de classes e a sociedade como um todo. O social era visto como relações interpessoais, grupos, multidão e outras categorias fragmentadas, descontextualizadas, sob influência de situações ambientais e sociais reduzidas ou mesmo como extensão da mente. O modo de definir o problema a investigar e o método utilizado, fracionavam a realidade social, não a concebendo como um sistema complexo de natureza histórica, do qual o indivíduo emerge refletindo uma realidade de classes e um modo de vida social, que o faz e que por ele é feito.

A sociedade era vista pela Psicologia (e continua ainda hoje em boa parte) como uma abstração ou algo distinto e separado do indivíduo, mantendo com ele uma relação de interinfluência, cuja essência nada mais é do que um novo tipo de dualismo. As categorias da Psicologia Social refletiam um homem "social" abstrato ou fragmentado, fora de uma sociedade de classes e de uma realidade histórica e cultural. As obras de Aroldo Rodrigues (1972, 1979), Crutchfield e Crech (1973) são o retrato disso, por mais que insistam no social.

A Psicologia Comunitária surge daí, através de uma Psicologia Social que tenta contrapor-se a essa situação. Surge da confirmação de que o indivíduo é uma realidade social, histórica, ou pelo menos que se encontra fortemente submetido a um processo cultural. Está localizado em um modo de vida social, numa estrutura social de classes e num determinado espaço histórico, geográfico,

social, cultural, econômico, portanto, ideológico. Vive mergulhado numa rede de interações sociais complexas (além do interpessoal e do grupal) de uma sociedade determinada.

"Porém o homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza; o homem é cultura, é história. (. . .) O seu organismo é uma infra-estrutura que permite o desenvolvimento de uma super-estrutura que é social e, portanto, histórica. Esta desconsideração da Psicologia em geral, do ser humano como produto histórico-social, é que a torna, se não inútil, uma ciência que reproduziu a ideologia dominante de uma sociedade. . ."

(Lane, Psicologia Social, pág. 12).

Mesmo surgindo do confronto, ainda o carrega em sua construção. As visões materialista dialética e histórica, positivista e idealista, continuam presentes tanto na Psicologia em geral como na Psicologia Social e na Comunitária, gerando controvérsias acerca do que é Psicologia Comunitária e para que serve. Chocam-se posições assistencialistas, tecnicistas, clínicas e políticas, mas em geral o que constatamos nessas atuações é o caráter de prestação de serviços como modo de socializar a Psicologia. E mais, limitando-se a ser unicamente um instrumento de intervenção da Psicologia no meio popular.

Procurando responder a essa situação, propomos um conceito de Psicologia Comunitária, como ciência e como aplicação. Como ciência, uma área da Psicologia Social que estuda os **processos** (afetivos, cognitivos e conativos), as **formações** (imagens, conceitos, vivências, intensões) e as **propriedades** (necessidades, motivos, hábitos, caráter, comunicação, linguagem, pensamento, consciência) do psiquismo decorrentes da vida do lugar/comunidade; estuda o sistema de relações e representações, identidade, níveis de consciência, atitudes e valores, identificação e pertinência dos indivíduos ao lugar/comunidade e aos seus grupos.

Como aplicação, visa ao desenvolvimento da consciência dos moradores como sujeitos históricos e comunitários, através de um esforço interdisciplinar que perpassa a organização e o desenvolvimento dos grupos e da comunidade.

O objeto da Psicologia Comunitária é o reflexo psíquico da vida comunitária, a imagem ativa das relações do lugar ou da comunidade no psiquismo dos seus membros e o aprofundamento da consciência a partir das condições e do modo de vida do lugar/comunidade.

O campo de atuação é o lugar/comunidade, espaço geográfico, social, econômico, político e simbólico, significativo e básico da vida em sociedade, tanto rural como urbano.

O problema central da Psicologia Comunitária não é a relação entre saúde e doença, prevenção e tratamento, mas o reflexo no psiquismo da vida do lugar/comunidade e a transformação do indivíduo em sujeito; está voltado para o desenvolvimento da consciência, da identidade e da ação comunitária.

Seu método é a atividade comunitária, processo pelo qual o Psicólogo Comunitário estuda e/ou intervém na vida dos indivíduos e do próprio lugar/comunidade.

De acordo com Leontiev (1979, 1981), a atividade é um sistema de ações ligadas ao objeto da realidade, uma interação com o objeto e não simplesmente uma ação sobre ele, nem tampouco uma reação. É o processo pelo qual se realizam as transformações entre indivíduo e objeto. É na atividade onde se dá a passagem do objeto da realidade para sua forma subjetiva (imagem, idéias) e, ao mesmo tempo, a passagem pela atividade para seus resultados reais. No processo de transformação do real em ideal (e vice-versa) pela atividade humana, o homem apropria-se da realidade e modifica-se através dela para transformá-la e novamente apropriar-se e modificar-se. Constrói-se e constrói seu mundo de modo cada vez mais consciente.

"A Psicologia humana se ocupa da atividade de indivíduos concretos que transcorre nas condições de uma coletividade aberta: entre as pessoas que a formam, conjuntamente com elas e em interação com elas, ou diretamente com o mundo dos objetos em redor; ante o torno de um ferreiro ou detrás de uma escrivanina. Sem dúvida, em quaisquer condições e formas que transcorra a atividade do homem, qualquer estrutura que adote, não se deverá considerar como abstraída das relações sociais da vida da sociedade com todas as suas peculiaridades; a atividade do homem aparece como um sistema incluído no sistema de relações da sociedade. A atividade humana não existe em absoluto fora dessas relações.

(Leontiev, La Actividad en la Psicologia, pág. 11)

Partindo do conceito de atividade de Leontiev, consideramos a atividade comunitária como o eixo em que se realiza e se desenvolve a Psicologia Comunitária. É o processo coletivo pelo qual o indivíduo apropria-se da realidade do lugar/comunidade, a transforma e aprofunda sua consciência do mundo. A atividade comunitária antecede a existência da comunidade, a produz e passa a ser seu principal vetor. Distinguimos **lugar de comunidade** para caracterizar a comunidade como tendo vida comunitária, ou seja, onde já se manifestam regularmente a participação e ação comum em favor da coletividade. "É um aglomerado humano que possui um sentimento claro de unidade e constitui um todo à parte" (Ríos, Educação dos Grupos, pág. 62).

A atividade comunitária é, ao mesmo tempo, para a Psicologia Comunitária como a conceituamos, um modo de vida coletiva num determinado lugar/comunidade e método da Psicologia Comunitária.

Como método de investigação, a atividade comunitária é um sistema de ações instrumentais e comunicacionais voltado para o estudo da atividade psíquica decorrente da vida do lugar/comunidade (consciência, linguagem, pensamento, representação social, identidade, atitudes etc). Como método de intervenção é um sistema de ações instrumentais e comunicacionais orientado para a construção dos indivíduos enquanto sujeitos do seu mundo e da vida em comunidade. Essas ações não ocorrem em separado.

"A análise da atividade constitui o ponto decisivo e o método principal do conhecimento científico do reflexo psíquico, da consciência. No estudo das formas da consciência social está a análise da vida cotidiana da sociedade, das formas de produção próprias desta e do sistema de relações sociais; no estudo da psique individual está a análise da atividade dos indivíduos nas condições sociais dadas e nas circunstâncias concretas que lhes têm tocado".

(Leontiev, *Actividad en la Psicología*, pag. 17)

Por fim, como último elemento de reflexão, quero referir-me às condições objetivas limitantes das comunidades (caracterizando a rural) e a alguns aspectos do indivíduo em construção numa comunidade.

O desemprego geral, a falta de alimento, assistencialismo, pregação mágica da fé, ausência de informações, dispersão da população, agricultura de subsistência precária e em regime de meia, analfabetismo, cabresto eleitoral, domínio do poder familiar, seca, ausência de meios de comunicação e precariedade das estradas e transportes, locais de difícil acesso e impossível de se chegar em época de chuva etc) produzem um forte anestésico da atividade e da consciência. O indivíduo é reforçado desde criança ao automatismo social (pela família, escola, igreja, chefes políticos), ficando sua consciência limitada à rotina da sobrevivência num quadro "imutável" de miséria, sofrimento, dependência dos "poderosos" e receio dos "comunistas".

A precariedade e a limitação do trabalho (numa relação pré-capitalista, quase feudal) empobrece a ação transformadora do sujeito, reduz o fluxo à consciência da realidade objetiva. Com pouca substância a consciência limita-se aos seus elementos simbólicos primários e à semi-intransitividade.

Há uma aparente petrificação em alguns e uma real petrificação nos demais (automatismo social). O trabalhador é um "condenado da terra" (Fannon, 1973), "deixando" viver por caridade e com uma única obrigação: "Não construir-se".

Quando o indivíduo atua através da atividade comunitária, num contexto solidário e dialógico (Freire, 1979), onde sua própria prática é plena de significado e reconhecimento na construção do trabalho libertador, e o resgate histórico de sua vida e de sua comunidade é tomado por base, a realidade em que vive passa a ser (por ele) decodificada dentro de uma nova interpretação, mais aprofundada.

No ato de encontrar o trabalho, descobri-lo, conquistá-lo, fazê-lo seu, em ação com os outros, o indivíduo rasga o véu do automatismo social e constrói um nível de consciência inquieto, indagador, faminto de reconhecer e mudar a si e o mundo com os demais. Rompe-se a semi-intransitividade da consciência (representações mágicas e deificadas).

É lenta a passagem do nível semi-intransitivo ao nível crítico, e nas palavras de um trabalhador "é como uma árvore, cresce e ninguém vê crescer; só quando está grande é que todo mundo vê!"

A relação entre atividade comunitária e história e realidade opressoras do lugar é extremamente desigual, desfavorecendo a primeira.

É clara para nós a reação contrária à consciência. O homem é boi, é boiada, pode ser o que for, mas a única coisa que não pode ter é uma consciência aprofundada. Essa é a violência maior, a base de toda a dominação e exploração — a negação do próprio sujeito.

A estrutura de opressão e de negação da individualidade, (do homem que se faz sujeito), permeia as instituições e age através dela no indivíduo, marcando-o, modelando-o, na família, na escola, na igreja e no próprio trabalho. Reproduz-se através do sujeito-objeto, do não-sujeito.

### 3. CONCLUSÃO

Fazer Psicologia Comunitária é estudar as condições da atividade humana (internas e externas) que impedem o homem de ser sujeito e as condições que o fazem sujeito numa comunidade, ao mesmo tempo que, no ato de compreender, trabalhar com esse homem a partir dessas condições, na construção de sua personalidade, de sua individualidade crítica, da consciência de si (identidade) e de uma nova realidade social.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRUTCHFIELD, E Crech. *Psicologia Social*. São Paulo, s. ed., 1973. v. 1 e 2.  
 FREIRE, PAULO *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.  
 FANNON, FRANTZ. *Os Condenados da Terra*. Bahia, Ed. Fator, 1973.  
 LANE, SILVA T.M. & CODO, Wanderley. *Psicologia Social*. S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.  
 LEONTIEV, Alexei N. *Actividad, Conciencia, Personalidad*, Editora Pueblo y Educación. La Habana, S. ed. 1981.  
 \_\_\_\_\_. *La Actividad en la Psicología*, La Habana, Editora de Libros para la Educación, 1979.  
 RIOS, José A. *Educação dos Grupos*. S. Paulo, E.P.U., 1987.  
 RUBINSTEIN, S.L. *El Ser Y La Conciencia*. La Habana, 1979.  
 RODRIGUES, A. *Psicologia Social*. R. Janeiro, Vozes, 1972.  
 SÉVE, Lucien *Marxismo e a Teoria da Personalidade*, Lisboa, Horizonte Universitário, 1979. v. 1.

Este artigo foi submetido em novembro de 1990, a periodicidade está com atraso (o Editor).